

O HÁBITO DE LEITURA NO SÉCULO XXI: DESAFIOS E PROPOSTAS PARA DOCENTES E MEDIADORES DE LEITURA

THE HABIT OF READING IN THE 21ST CENTURY: CHALLENGES AND PROPOSALS FOR TEACHERS AND READING MEDIATORS

EL HÁBITO DE LEER EN EL SIGLO XXI: DESAFÍOS Y PROPUESTAS PARA DOCENTES Y MEDIADORES LECTORES

Pedro Henrique Elias de Albuquerque¹

Resumo: Estamos inseridos em um contexto em que a tecnologia é muito mais convidativa para os leitores em formação do que as páginas de um livro. A escola, que é um centro de formação acadêmica e cultural, tem um papel fundamental na criação e no desenvolvimento de um hábito de leitura dos estudantes. Contudo, surge o questionamento: os professores de língua portuguesa realizam esse trabalho de uma maneira realmente efetiva ou tratam a literatura como um aspecto secundário, priorizando as normas gramaticais e utilizando-a como um pretexto para ensinar gramática? Ao longo desse artigo, será possível compreender quais são os impactos que a literatura causa na vida de quem possui um hábito de leitura; quem são os mediadores de leitura ao longo da trajetória de um indivíduo; algumas metodologias passíveis de serem aplicadas em sala de aula, que possuem o objetivo de fomentar a leitura; e, por fim, quais são as políticas públicas que incentivam o a leitura e a escrita dos estudantes brasileiros. Tais tópicos foram desenvolvidos por meio de uma extensa leitura bibliográfica somada ao relato de experiência do autor.

Palavras-chave: Papel da escola. Hábito de leitura. Professores. Mediadores de leitura. Políticas públicas.

Abstract: We are inserted in a context in which technology is much more inviting to readers in formation than the pages of a book. The school, which is a center for academic and cultural training, plays a fundamental role in creating and developing a reading habit among students. However, the question arises: do Portuguese language teachers carry out this work in a really effective way or do they treat literature as a secondary aspect, prioritizing grammatical norms and using it as a pretext to teach grammar? Throughout this article, it will be possible to understand what are the impacts that literature causes in the lives of those who have a reading habit; who are the reading mediators along the trajectory of an individual; some methodologies that can be applied in the classroom, which aim to encourage reading; and, finally, what are the public policies that encourage reading and writing by Brazilian students. Such topics were developed through an extensive bibliographical reading added to the author's experience report.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e práticas sociais/POSLIT/UnB. Mestre em Literatura e práticas sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciado em Letras – Português pela Universidade de Brasília (UnB). Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Email: pedrophea@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-5453-2542>

Keywords: Role of the school. Reading habit. Teachers. Reading mediators. Public policy.

Resumen: Estamos insertos en un contexto en el que la tecnología invita mucho más a los lectores en formación que las páginas de un libro. La escuela, que es un centro de formación académica y cultural, juega un papel fundamental en la creación y desarrollo del hábito lector en los alumnos. Sin embargo, surge la pregunta: ¿los profesores de lengua portuguesa realizan este trabajo de manera realmente efectiva o tratan la literatura como un aspecto secundario, priorizando las normas gramaticales y usándola como pretexto para enseñar gramática? A lo largo de este artículo se podrá comprender cuáles son los impactos que la literatura provoca en la vida de quienes tienen el hábito de la lectura; quiénes son los mediadores de lectura a lo largo de la trayectoria de un individuo; algunas metodologías que se pueden aplicar en el aula, que pretenden fomentar la lectura; y, finalmente, cuáles son las políticas públicas que fomentan la lectura y la escritura de los estudiantes brasileños. Tales temas fueron desarrollados a través de una extensa lectura bibliográfica añadida al relato de experiencia del autor.

Palabras clave: Rol de la escuela. Hábito de lectura. maestros Lectura de mediadores. Políticas públicas.

Introdução

A leitura é uma das principais habilidades que impulsionam uma vida plena para os indivíduos que estão inseridos na sociedade contemporânea. Além de auxiliar as pessoas a adquirirem novos conhecimentos e desenvolverem habilidades, que estão atreladas diretamente a um pensamento crítico, a leitura também pode proporcionar uma sensação de fuga e relaxamento do estresse vivido no dia-a-dia dos cidadãos. Todavia, mesmo que a literatura possua inúmeros benefícios e vantagens, a quantidade de indivíduos que possuem um hábito recorrente de ler ainda é baixa. Fatores como a falta de referências familiares, a rotina pesada, o analfabetismo e os transtornos de aprendizagem podem influenciar essa falta de hábito. Porém, tudo é passível de mudança: a partir da ação de mediadores de leitura, que abordem a literatura de uma forma mais condizente com cada um, esse cenário pode ser alterado.

Os mediadores de leitura estão espalhados ao longo da vida de um indivíduo, podendo ser representados pelos seus pais, durante a sua infância; por seus professores, ao longo de sua vida acadêmica; e, posteriormente, pelos próprios indivíduos, quando já se encontram em uma situação de leitores formados. Sabe-se que as escolas desempenham o papel de desenvolver nos estudantes a formação de um hábito de leitura, fornecendo-lhes livros e materiais de apoio, assim como oportunidades para desenvolver essa habilidade, como a participação em clubes de leitura e aulas que foquem no debate de obras literárias. Contudo, a escola não é um ambiente utópico. Desafios como recursos limitados; a falta de mediadores de leitura devidamente preparados para exercer tal função; e

o enrijecimento de metodologias de ensino, que afastam, cada vez mais, o aluno da área acadêmica, são facilmente identificáveis no ambiente escolar.

Este artigo pretende explorar, por meio de uma pesquisa bibliográfica e de um relato de experiência, quais são os impactos que a literatura produz na vida de quem a usufrui; quais são os mediadores literários que podem ser encontrados ao longo da formação do indivíduo enquanto leitor; quais metodologias do ensino de literatura são efetivas para aproximar os estudantes do texto literário, utilizando como base as vivências do autor; e, por fim, quais são as políticas públicas que o Estado tem implantado ao longo dos anos para incentivar a criação de um hábito de leitura. Ao apresentar a relevância desses tópicos, espera-se que docentes e pesquisadores sejam encorajados a enxergar a literatura e seu respectivo ensino a partir de uma visão mais dinâmica e atual, levando em consideração as novas tecnologias e metodologias ativas.

O impacto da literatura e os mediadores de leitura

A literatura é um expoente da comunicação humana, pois através da combinação perfeita entre a escrita e a mensagem, somos convidados a refletir e desenvolver uma capacidade de compreender o ambiente que nos cerca a partir de uma ótica mais ampla. A consequência desse contato não se restringe apenas ao conhecimento acadêmico, mas inclui o conhecimento de mundo de cada autor que será passado para quem pratica tal ato.

Muitas vezes, o contato com obras literárias ocorre em estágios iniciais de nossas vidas, como quando os pais pegam uma obra de literatura infantil, seja um livro-imagem ou um conto de fadas, e leem a seus filhos, culminando em um momento de aprendizado para o ouvinte, mesmo que de maneira parcial. O ouvinte, que já possui uma leitura de mundo, começa a acumular visões e posicionamentos distintos, permitindo que suas ideologias e crenças sejam construídas por meio de várias influências. Entretanto, em alguns casos, o contato com o mundo literário pode ocorrer tardiamente, seja na adolescência, no instante em que o indivíduo “descobre” os *best-sellers* impulsionados pela mídia e por veículos de comunicação; na fase adulta, em momentos que são necessários realizar cursos de aprimoramento no âmbito profissional; ou quando idosos, que, em determinados casos, os indivíduos possuem um tempo maior para se dedicar ao entretenimento

literário.² Mesmo que haja um contato tardio com a literatura, essas pessoas não são desprovidas de uma visão de mundo, posto que, como afirma Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1981). Portanto, o que irá ocorrer no momento seguinte ao ato de ler de cada indivíduo é uma recepção de ideias e uma seleção delas, que irão compor o seu pensamento.

Considerando o impacto da obra literária na vida dos indivíduos, devemos compreender os textos como ferramentas de refinamento gradativo das habilidades cognitivas e sociais dos indivíduos que os utilizam, pois é necessário entender que o leitor que inicia um livro não é o mesmo leitor que o termina. O indivíduo que lê, observa a realidade e toma-a como ponto de partida antes da leitura; durante o caminho, ele irá ser confrontado com uma enxurrada de ideias que poderão – ou não – fazer parte de seu acervo intelectual; ao final, o leitor terá realizado uma triagem de pensamentos e terá uma visão completamente destoante acerca da mesma realidade em que estava inserido anteriormente.

A teoria trabalhada acima conversa diretamente com o que propõe Ana Arlinda de Oliveira, ao dizer que a “obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o por intermédio do ponto de vista do narrador ou do poeta e manifesta no fictício e na fantasia um saber sobre o mundo, oferecendo ao leitor modos de interpretá-lo” (OLIVEIRA, 2010); e com o pensamento de Antônio Cândido, que afirma que a literatura deve ser encarada e classificada como um direito básico dos seres humanos, já que, em sua visão, os textos literários se igualam às necessidades mais básicas dos seres humanos. Assim como indivíduos precisam de se alimentar para viver, eles também precisam do contato com o universo imaginário, porque é a partir desse encontro que é realizado um enriquecimento pessoal, que irá influenciar diretamente seu caráter e sua formação enquanto indivíduo e cidadão. Para tanto, Cândido alega que a literatura “confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CÂNDIDO, 2011).

Refletindo sobre as ideias de Oliveira (2010) e Cândido (2011), levanto o seguinte ponto de reflexão: os textos servem apenas para veicular ideias que formarão cidadãos críticos? A resposta é negativa. Colocarei, aqui, o exemplo de uma criança entre sete e dez anos, que ainda está com sua mente em formação: caso o pequeno indivíduo tenha contato desde cedo com obras literárias que reiterem e endossem comportamentos racistas, xenófobos, homofóbicos e preconceituosos, além de viverem em um ambiente que concorde com tais ideias, a chance dessa criança adotar uma postura

² Claramente, existem diversos casos que se enquadrariam nesse contato tardio, como as pessoas que não tiveram acesso à escolarização no tempo correto e frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas para não me alongar em um tópico secundário, mantereí esses exemplos.

negativa perante aos conceitos já estabelecidos na sociedade acerca do que é politicamente correto é alta. Todavia, se essa mesma criança tiver contato com obras que abordem esses mesmos conceitos, mas de forma a criminalizá-los, a postura desse indivíduo será completamente oposta ao resultado mencionado no exemplo anterior.

Portanto, para criarmos leitores que possuem um senso crítico acerca dos ambientes de vivência em que estão, precisamos da figura dos mediadores literários, que agirão não como carrascos que proíbem a leitura de obras famosas e muito vendidas no mercado e permitem apenas a leitura de grandes clássicos da literatura mundial, como *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; mas sim como interlocutores que apresentarão diversos textos que conversem com os indivíduos em questão, dando-lhes a oportunidade de conhecer outras visões de mundo.

Então, surge um possível questionamento: quem seriam esses mediadores literários? Em um primeiro instante, por via de regra, as figuras familiares tomam essa responsabilidade para si, escolhendo, quase que de maneira autoritária, os textos que serão lidos pelas crianças.³ É nesse momento que alguns traumas, que geram uma aversão ao texto literário, ocorrem, pois alguns familiares colocam obras de autores renomados nas mãos de crianças que ainda não possuem a maturidade para compreender tal escrita. A possibilidade de uma criança de dez anos entender a profundidade dos textos escritos por Jorge Amado é mínima, mesmo por intermédio de uma leitura guiada. Em segundo instante, a figura do mediador literário passa diretamente para o professor, que a partir do nível Fundamental II – anos finais, começa a cobrar a literatura de uma maneira mais aprofundada. Não que o professor seja uma figura invisível desde a Educação Infantil, mas creio que as figuras familiares, principalmente por conta da idade da criança, tenham um peso maior na escolha e na prática de leitura. Em um terceiro momento, o mediador literário passa a ser o próprio indivíduo, que, após adquirir uma carga de leitura considerável, começa a delimitar seus gostos e quais são suas preferências. Ressalto que esse terceiro momento só ocorre se houver um contato prévio com obras literárias, posto que não é possível realizar uma seleção do que agrada ou não o leitor sem que este conheça uma parcela de gêneros, autores e títulos.

O professor, como um mediador de leitura, não irá se ater apenas aos gostos próprios, já que seu objetivo é formar cidadãos críticos, que consigam enxergar o mundo de uma maneira mais ampla

³ Utilizo a expressão “autoritária” pelo fato de poucos familiares perguntarem às crianças quais são seus gostos e quais gêneros literários elas preferem e, conseqüentemente, começam a inserir obras de seu próprio gosto na vida desses indivíduos.

e coesa, compreendendo os problemas que os cercam e buscando soluções viáveis para eles. Assim, o professor irá buscar textos que agradem os alunos e que possuam uma carga crítica viável para o trabalho em sala de aula. Agradar os alunos não é um sinônimo de realizar suas vontades, mas sim entender quais são as preferências do coletivo para que seja possível inserir obras que poderão ser trabalhadas com maior aceitação pela turma. Suponhamos que uma turma de nono ano do Ensino Fundamental II tenha um apreço por obras teatrais, assim, o docente pode se utilizar de obras de Ariano Suassuna, como *O Auto da Compadecida* (1955), ou de Dias Gomes, como *O Pagador de Promessas* (1960), além de conectar, por meio da interdisciplinaridade, obras de artistas plásticos, filmes, as próprias obras encenadas, versões em quadrinhos etc. Caso seja uma turma de alunos mais novos, o mesmo pode ser realizado, porém com textos que condizem com a faixa etária dos alunos. Partindo desse ideal, reitero o posicionamento de Leyla Perrone-Moisés:

Ouvir o aluno não significa oferecer ao aluno exatamente o que esse deseja, o que lhe dá prazer imediato, o que confirma suas opiniões e gostos individuais. Ouvir o aluno significa compreender o patamar de conhecimento em que ele se encontra, o repertório de que ele dispõe, não para “respeitar” e confirmar sua individualidade irreduzível, mas para, a partir desses dados, estimulá-lo a ascender a um patamar superior, mais amplo, mais informado. (PERRONE-MOISÉS, 2006)

Nesse caso, considero a figura do professor progressista, o que condiz com uma parcela dos docentes mais jovens. Claramente, isso não impede ou elimina a postura tradicionalista de determinados profissionais, que optam por não aplicar ações democráticas e consideram apenas a sua vontade dentro de sala de aula. Ao passar textos complexos para um público que ainda não possui maturidade suficiente, a chance de uma quantia desses indivíduos criar uma aversão aos textos ficcionais tende a aumentar. Um ótimo exemplo é a leitura não guiada de livros de Machado de Assis para alunos de oitavo e nono ano, em que os estudantes não entendem o cerne dos textos e transferem essa sensação de incapacidade e frustração para as demais obras, evitando-as ao máximo. Talvez, essa aversão seja revertida no futuro, mas, por vezes, ela é mantida por períodos indeterminados.

A formação de um hábito de leitura: desafios e sugestões para docentes e mediadores de leitura

Tendo compreendido quem são os mediadores literários existentes ao longo da vida de um indivíduo e qual é o impacto que o ato de ler tem sob as pessoas que o fazem, levanto o questionamento a seguir: como é possível criar um hábito de leitura em pessoas que tem pouco ou nenhum contato

com textos literários? Para responder essa pergunta, descreverei algumas estratégias que utilizei durante o ano letivo de 2022, em que ministrei aulas para turmas de nono ano do nível Fundamental II. A escolha de focar em experiências ligadas a esse período escolar se deu porque é durante essa fase que a formação do indivíduo enquanto leitor é mais desenvolvida e estimulada, devido a presença constante do segundo mediador de leitura, o professor.

É muito comum professores de língua portuguesa entrarem em sala de aula e se depararem com alunos que não possuem hábito de leitura. Ao questionar o motivo da inexistência de tal prática, respostas como “Ler para quê?”, “Acho chato” ou “Eu nem entendo o que está escrito” são facilmente encontradas. Essa recepção negativa do texto literário dificulta muito a prática docente, afinal, como é possível ministrar uma aula de português sem o intermédio de uma obra? Não que os livros sirvam apenas como pretexto para o ensino de determinados conteúdos, como diz Marisa Lajolo (1988), mas são, com certeza, grandes auxiliares do aprendizado. É necessário retirar essa alcunha diabólica que os livros receberam da visão dos estudantes, mostrando a eles as maneiras que um texto literário pode auxiliar em vários aspectos de seu desenvolvimento e maturidade.

Entretanto, não podemos ser tão simplistas e dizer que os alunos não leem só porque não gostam. É necessário considerar os outros fatores que circundam a vida desses indivíduos, como a ausência do hábito de leitura em ambiente familiar e a existência de transtornos ou dificuldades de aprendizagem. Por meio de uma análise minuciosa, o professor conseguirá desenvolver métodos efetivos para a consolidação do hábito de leitura em cada um de seus estudantes – resalto que nenhuma metodologia é cem por cento efetiva, mas existe uma grande chance de sucesso.

Em 2022, ministrei aulas de língua portuguesa para turmas de nono ano do nível Fundamental II da rede pública de ensino do Distrito Federal. Possuía seis turmas com trinta alunos, em média, cada uma. A faixa etária variava entre estudantes de treze a dezesseis anos, o que não configura, necessariamente, uma distorção idade-série. Na aula inicial de cada turma, perguntei aos alunos quem gostava de ler e tinha o hábito de leitura. O resultado não foi nada além do esperado: cerca de três ou quatro se manifestavam positivamente em relação ao questionamento feito. É um cenário preocupante, posto que apenas 10% costumam ter um contato frequente com obras literárias, mas não é impossível de ser alterado. Perguntei aos que deram uma resposta negativa qual era o motivo de não existir um hábito de leitura e a resposta majoritária foi que o celular era muito mais interessante do que ler um texto que nem imagens tinha. É uma resposta compreensível, já que todas as informações necessárias para esses alunos estão na palma de suas mãos, sendo completamente acessível com apenas um toque.

Para quem não lê, o dinamismo da internet supera com facilidade a forma estática dos livros. Um vídeo no *TikTok* ou no *Youtube* desperta muito mais interesse nessa nova geração do que ler histórias de cavalaria contadas por um fidalgo a seu escudeiro. Eis, aqui, a primeira sugestão para que o hábito de leitura seja criado pelos estudantes: a integração entre a internet e as obras literárias. Por meio da figura dos *booktubers*, que são “leitores assíduos produtores de conteúdo audiovisual e conectados à Internet que compartilham sinopses, resenhas, opiniões sobre livros” (TEIXEIRA, 2016), a difusão de materiais literários tem sido reforçada. Claramente, esses promotores da leitura no âmbito digital dão preferência a *best-sellers*, posto que é o que mais rende visualizações em suas redes. Todavia, isso não deve ser encarado como algo negativo: grandes leitores iniciam suas jornadas, muitas vezes, por meio da chamada “baixa” literatura⁴ ao invés dos clássicos. Portanto, o professor deve estar a par desse assunto para que seja possível a recomendação desses canais para os estudantes.

Após a sondagem inicial, trouxe algumas opções de gêneros literários (lírico e narrativo) que seriam trabalhados ao longo do ano e permiti que os estudantes escolhessem, por meio de uma votação, qual seria o primeiro gênero a ser estudado. Conseqüentemente, o gênero lírico foi o mais votado, o que não agrudou a todos, pois alguns alunos achavam que esses textos eram restritos apenas a rimas emparelhadas e temas amorosos. Para desconstruir essa ideia errônea, propus uma atividade em que os estudantes deveriam fechar seus olhos e prestar atenção apenas em minha voz. O poema lido foi *O bicho*, de Manuel Bandeira, que culminou no debate acerca da fome e da miséria no Brasil, comparando os dias atuais com a data em que o poema foi escrito. Essa brevíssima atividade serviu para desmistificar a existência única dos poemas amorosos e para mostrar que, por meio da escrita lírica, é possível trazer temas delicados e que merecem ser denunciados e explorados. A partir disso, as aulas de língua portuguesa, em sua maioria, voltaram-se para a leitura, análise e interpretação de poemas escritos por diversos autores brasileiros consagrados, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Conceição Evaristo etc. Optei por trazer poemas que fossem escritos em uma linguagem mais coloquial, pois os estudantes poderiam ler sozinhos em casa e teriam uma maior possibilidade de compreensão; e datados a partir do século XX, porque a preocupação com a temática é maior do que a preocupação com a estética, como é facilmente visto em *José*, de Carlos Drummond de Andrade, e vários outros poemas de Manuel Bandeira. Chegando ao fim do bimestre, foi realizada uma oficina de poemas, em que cada aluno deveria escrever

⁴ O termo “baixa” literatura é comumente utilizado por estudiosos de literatura puristas, que não aceitam que livros mais comerciais devem ser considerados obras literárias.

um poema autoral, o que culminou em um livreto *Mentes abertas, pensamentos profundos – uma coletânea de poemas dos alunos do CEF 08 de Planaltina*. Foi possível perceber que, ao longo do bimestre, a repulsa pelas obras literárias que alguns alunos tinham começado a diminuir, pois estes começaram a enxergá-las como uma ferramenta que estava ao seu alcance e que, muitas vezes, falava a mesma língua que eles. Assim, trago a segunda sugestão: a inserção democrática⁵ de textos com linguagens que se assemelhem a dos alunos e a promoção de oficinas literárias, que culminem na produção de textos e coletâneas. É necessário que o aluno compreenda seu papel enquanto produtor de conhecimento e cultura, pois isso irá aproximá-lo das obras literárias e irá incentivá-lo a manter um hábito de leitura constante. Essa afirmação vai de encontro com o pensamento de Neusa Sorrenti (2007), que considera a composição de poemas dentro de uma oficina como um exercício de liberdade poética individual, pois o estudante tem a possibilidade de colocar em prática a sua imaginação ao decompor, armar, recortar e descobrir textos com o objetivo de gerar algo inédito. Além disso, Sorrenti afirma que o papel do professor dentro das oficinas de poemas é o de mediador, que transforma a atmosfera do local em “um ambiente de liberdade e criatividade, para que a criança possa se expressar sem bloqueios” (SORRENTI, 2007).

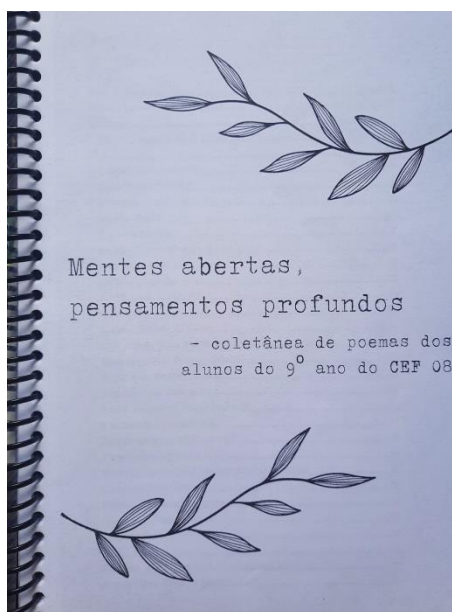


Figura 1 – Capa do livro produzido em sala de aula *Mentes abertas, pensamentos profundos – uma coletânea de poemas dos alunos do CEF 08 de Planaltina*.

⁵ Ressalto a importância de haver uma decisão democrática, pois o aluno não deve ser um agente passivo nas decisões e na relação de ensino-aprendizagem; é necessário que ele se torne um agente do conhecimento, participando ativamente das escolhas realizadas em sala.

No segundo bimestre, sugeri aos alunos que trabalhássemos com a obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, por conta de sua relevância e contemporaneidade, além de ser uma narrativa que condiz com a vida de muitos estudantes que vivem nas periferias de Brasília. Para realizar o trabalho, utilizei trechos da obra, com o objetivo de gerar debates acerca da condição de vida da autora e da atualidade de seu livro; vídeos biográficos sobre Carolina Maria de Jesus e suas obras, produzidas por *booktubers* e canais de televisão; e um curta-metragem, que adaptou a obra *Quarto de despejo*. Já estando cientes de qual era a temática abordada no livro de Carolina e quem era a autora, foi requerido aos estudantes a leitura da obra em questão, para que pudéssemos prosseguir para a etapa final. Aos alunos que possuíam acesso à internet, foi solicitado que entrassem em provedores de pesquisa e procurassem versões em formato digital; aos alunos que não possuíam acesso a meios tecnológicos ou acesso à internet, foi pedido para que fossem à biblioteca da escola e fizessem um empréstimo dos livros. Certamente, a disponibilidade desses livros na biblioteca era escassa, o que dificultou o acesso à narrativa de Carolina, mas isso não impediu que a próxima etapa fosse realizada de maneira correta. O resultado desse projeto literário foi a produção de uma maquete construída com materiais recicláveis, aludindo ao ofício da autora antes de ser publicada, visando a compreensão dos alunos sobre o que é uma favela, qual é o cotidiano dos moradores e quais são os problemas enfrentados por eles diariamente. Essa ideia de materializar o que foi lido e compreender a vida das pessoas que estão inseridas nessa condição de fragilidade condiz com a percepção que Cândido (2010) possui acerca da função humanizadora da literatura: o aprimoramento da empatia dos alunos afeta, diretamente, a sociedade em que estão inseridos. Em suma, essa é a terceira sugestão: trabalhar textos contemporâneos aos alunos e transformar as concepções teóricas em trabalhos práticos, que os alunos possam interagir e compreender melhor a obra lida.



Figura 2 – Maquete de uma favela inspirada na obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

Ao retornamos do recesso escolar, iniciei, em meados de agosto, o terceiro momento literário: a adaptação de contos diversos em histórias em quadrinhos. Os contos escolhidos foram *O jardineiro Timóteo* e *Negrinha*, ambos escritos por Monteiro Lobato; *Quanto tempo dura um pesadelo*, de Pedro H. Elias; *O bêbado corrigível* e *O filho do camponês*, de Dany Wambire; e *Senin*, de Ryunosuke Akutagawa. Sua seleção foi baseada na tentativa de apresentar aos estudantes um pouco da cultura de outras épocas e locais, além de mostrar outras visões de mundo pertencentes aos autores citados acima. Para não deixar os estudantes desamparados, durante uma de nossas aulas, abordei a biografia de cada autor e fiz um panorama introdutório dos tópicos que os contos abordavam. Posteriormente, separei os alunos em grupos e entreguei-lhes uma cópia do texto para que fosse lida conjuntamente. O objetivo, nesse momento, era averiguar a leitura dos estudantes e a compreensão do que estava sendo lido. Após a leitura, os alunos foram instruídos a fazer uma adaptação do texto para uma história em quadrinhos: por se tratar de uma adaptação, foi permitido que os integrantes dos grupos utilizassem a criatividade para colocar as histórias em outras épocas e situações levemente diferentes, sem que a essência do texto fosse perdida. Portanto, é necessário ter em mente que a história adaptada para os quadrinhos receberá diversas mudanças do texto original, mas sem perder o seu tema central, o que dialoga diretamente com os estudos de Cademartori (2003) e Lima (2012), em que ambos autores discorrem sobre os aspectos que devem ser levados em consideração no momento em que está sendo realizada uma adaptação de textos literários. O resultado dessa atividade foi misto, pois ficou evidente que uma parcela dos estudantes não conseguiu compreender o tema central da história que trabalharam, fazendo

uma história quase autoral, já que utilizaram personagens do texto, ao invés de uma adaptação. Nesse caso, assumo a culpa da baixa compreensão dos estudantes para com o texto lido, pois acredito que se os contos tivessem sido trabalhados mais detalhadamente por mim, a compreensão textual dos alunos seria mais satisfatória.

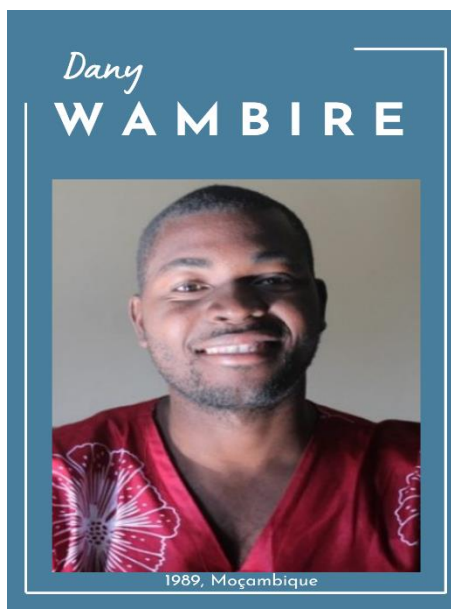


Figura 3 –Folder do escritor Dany Wambire, preparado para a mostra científico-cultural.

Mesmo que o impacto desses trabalhos não tenha sido grande em sala de aula, ele se mostrou muito positivo quando foi levado para a mostra científico-cultural que ocorreu na escola depois de poucos meses de sua produção. Durante o evento, algumas crianças e adultos folhearam as histórias em quadrinhos, leram o folder de apresentação dos autores e se interessaram pelo conto original, vindo perguntar a mim como poderiam ter acesso a eles. Assim, deixo, aqui, a quarta sugestão: trabalhar com contos e adaptá-los para outras mídias, como histórias em quadrinhos, curta metragens, pinturas, desenhos e músicas.

O último trabalho que envolvia a literatura foi posto em prática no quarto bimestre. Por se tratar de um jogo didático, foi requerido aos estudantes que fizessem uma pesquisa acerca de um autor, previamente selecionado por eles, que tivesse os seguintes tópicos: biografia, bibliografia, premiações, curiosidades e outros fatos relevantes. Essa pesquisa foi pedida aos alunos com o objetivo de fomentar o conhecimento acerca dos escritores que poderiam ser trabalhados durante o Ensino Médio, além de contribuir para a dinâmica do jogo pedagógico desenvolvido pelo professor: um *Role-playing game* na modalidade jogador contra jogador (*Player versus Player*), em que os personagens eram autores da literatura brasileira. Para jogar, o aluno deveria possuir uma ficha do personagem com pontos de vida,

vantagens e desvantagens, todas envolvendo características de obras ou fatos da vida de cada escritor, por exemplo: Machado de Assis possuía como vantagem um machado, que causava dois pontos adicionais de dano em cada ataque que ele fizesse; e como desvantagem, a personagem tinha epilepsia, uma doença que Machado possuía e que, na partida, poderia imobilizar o jogador durante um turno. O resultado dessa atividade é visto apenas a longo prazo, posto que o intuito é fazer com que o aluno conheça, mesmo que superficialmente, alguns escritores que poderão ser trabalhados pelos professores nas próximas etapas de sua vida acadêmica. A quinta sugestão diz respeito à necessidade de dinamizar a literatura: transpor elementos literários (autor e obras) em jogos pedagógicos para facilitar o contato e o gosto do estudante para com as obras literárias de maneira cotidiana.

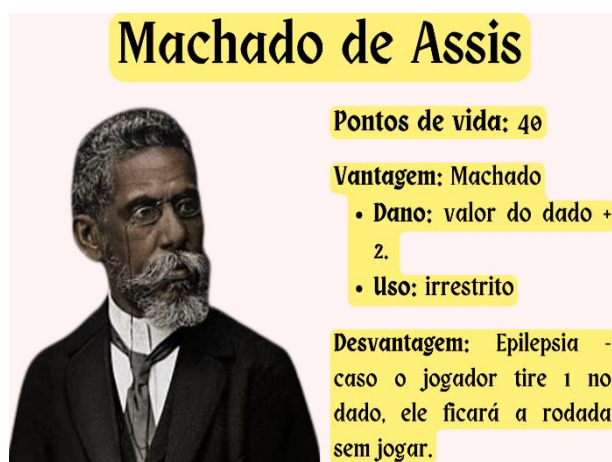


Figura 4 – Ficha da personagem Machado de Assis do Role-playing game aplicado em sala de aula.

Por se tratar de duzentos alunos, em média, não é possível afirmar que as metodologias descritas acima foram 100% proveitosas e que todos foram afetados a ponto de criar um hábito de leitura, mas foi perceptível um aumento do interesse de alguns alunos que, recorrentemente, pediam indicações de obras literárias de diversos gêneros e autores e faziam empréstimos na biblioteca escolar quase que semanalmente. Portanto, devemos ter consciência de que nenhuma metodologia aplicada a um amplo público é efetiva em sua totalidade, mas a parcela que for afetada positivamente, mesmo que seja uma porcentagem pequena, deve ser considerada um sucesso para o aplicador. Isso não quer dizer que esse grupo que reagiu de maneira satisfatória deve ser motivo de contentamento pleno para o pesquisador. Na realidade, esse grupo deve ser compreendido como um elemento de aprimoração dos pontos positivos da metodologia utilizada, assim como o grupo que não foi, ou foi parcialmente, afetado, que deve ser analisado detalhadamente para que sejam aperfeiçoadas as falhas contidas na metodologia aplicada.

Políticas públicas de incentivo à leitura: um breve panorama

Até o presente momento, esse artigo discorreu acerca do impacto da literatura na vida das pessoas que praticam o ato de ler; explorou quem são os três mediadores literário passíveis de serem encontrados ao longo da formação de um leitor; e descreveu metodologias de ensino de literatura baseadas em um relato de experiência. Levando em consideração que a subárea tratada ao longo desse texto é o ensino de literatura, torna-se relevante abordar quais são as medidas tomadas pelo Estado em relação ao incentivo da leitura em ambiente escolar.

A escola é um ambiente que desempenha a função de incentivador de novas experiências, onde são fomentados o diálogo, a compreensão e o acesso a diversas formas de culturas e visões de mundo. Ela permite que cada estudante participe de um processo em que seu senso crítico será aprimorado, de forma que ele adquira a capacidade de se enxergar como um agente de mudança no local em que está inserido, podendo contribuir ativamente para o cotidiano da comunidade em que vive ao utilizar os conhecimentos aprendidos e as experiências vivenciadas durante sua trajetória acadêmica.

Todavia, temos que ser realistas: não é possível desempenhar um trabalho que atinja a maioria dos estudantes se não há materiais necessários para desenvolver um planejamento pedagógico. No caso dos professores de língua portuguesa, para trabalhar um livro, é necessário que essa obra esteja disponível para todos os alunos e sabemos que, por vezes, essa é uma realidade utópica. Para amenizar a situação defasada, o Estado traz ações de promoção e acesso à leitura promovidas pelo Ministério da Educação (MEC), como a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE); o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD); o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER); e o Programa Sala de Leitura, que são essenciais para o bom funcionamento das metodologias de ensino e do hábito de leitura.

A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE)⁶ é uma estratégia que possui o intuito de fazer com que os brasileiros tenham um maior contato com as obras literárias e criem um hábito de leitura. A promoção da leitura e escrita, além das atividades e locais relativos a esses tópicos, é permanente, sendo revista em um período decenal pelo MEC juntamente com a sociedade e de órgãos como o Conselho Nacional de Educação (CNE) e as secretarias estaduais de educação e cultura. O mote principal desse projeto é tornar a literatura um elemento democratizado, em que todos conseguirão

⁶ Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018.

obter acesso com facilidade. Outro ponto relevante está contido no artigo 3º, incisos II e VIII, em que é abordado o incentivo do Estado na formação profissional de mediadores de leitura, como professores, bibliotecários e agentes de leitura:

II - fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais; [...]

VIII - promover a formação profissional no âmbito das cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura, por meio de ações de qualificação e capacitação sistemáticas e contínuas; (BRASIL, 2018)

Enquanto o PNLE traz uma perspectiva de incentivo e fomento a determinadas áreas e objetivos, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)⁷ age de maneira distributiva, suprindo escolas da rede pública de todo o país com livros de todas as áreas do conhecimento. Esse programa é gerido pelo MEC e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e possui a participação de profissionais da educação, juntamente às Secretarias estaduais. Todo ano é lançado um edital que contém obras previamente por especialistas em educação, que poderão ser requeridas e utilizadas pelas unidades escolares. Vale ressaltar que os profissionais que realizam essa escolha são os professores. Por se tratar de uma compra em larga escala, o programa consegue atender a todos os estudantes de uma série/ano. Para os professores de língua portuguesa, esse programa serve de maneira suplementar ao seu planejamento, posto que as obras literárias são escolhidas por eles e condizem diretamente com a sua proposta pedagógica.

Diretamente ligado ao PNLD, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)⁸ tem o intuito de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos estudantes de escolas públicas através da distribuição de obras literárias e científicas. Seu funcionamento contempla duas vertentes: escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos; e escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio, que são realizadas de maneira alternada e gratuita. O PNBE é dividido em três áreas: a primeira, PNBE Literário, possuiu o objetivo de avaliar e distribuir textos em prosa, verso, livros de imagens e histórias em quadrinhos; a segunda, PNBE Periódicos, avalia e distribui periódicos de conteúdos didáticos para todos os segmentos; e a terceira, PNBE do Professor, visa apoiar e incentivar a prática pedagógica da educação básica por meio da distribuição de textos teóricos e metodológicos.

⁷ Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017.

⁸ Resolução/CD/FNDE nº 39, de 17 de julho de 2009.

Assim como o PNLE, PNLD e o PNBE, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)⁹ age de maneira a incentivar o interesse nacional pelo hábito de ler, além de estruturar uma rede de projetos que seja capaz de consolidar práticas de leitura e criar condições de acesso ao texto literário. Para tanto, o PROLER se propõe a instalar “centros de estudos de leitura, para capacitar e formar educadores por meio de familiarização com o livro e a biblioteca” (BRASIL, 1992) e “espaços de leitura, abertos regularmente ao público” (BRASIL, 1992), além de dinamizar esses locais, trazendo atividades e materiais diversificados. Esse programa tem relação direta com o Programa Sala de Leitura¹⁰, existente como um programa do estado de São Paulo, que tem como objetivo criar uma sala de leitura em cada escola da rede pública estadual, que ofereça aos alunos a “oportunidade de acesso a livros, revistas, jornais, folhetos, catálogos, vídeos, DVDs, CDs” e um “espaço privilegiado de incentivo à leitura como fonte de informação, prazer, entretenimento e formação de leitor crítico, criativo e autônomo” (SÃO PAULO, 2009).

Ao analisarmos os programas mencionados acima, é possível perceber que o Estado participa ativamente do cotidiano escolar, pois insere diversas políticas públicas que incentivam, complementam e suplementam o fazer pedagógico e literário. Podemos afirmar que o Brasil vive um cenário ideal e que todos os estudantes irão adquirir um hábito de leitura decorrente desses programas? Não. Contudo, é necessário perceber que há um esforço coletivo, tanto por parte do Governo, quanto por parte dos professores e mediadores de leitura, em trazer aos estudantes formas de incentivo à criação de um hábito de ler cotidianamente, seja por meio da disposição de livros que sejam de seu interesse em ambientes propícios à leitura ou pelas metodologias utilizadas em sala de aula que aproximem os alunos dos textos literários.

Conclusão

A leitura deve ser um hábito cultivado por todos, pois é a partir do contato com ela que ampliamos a nossa visão de mundo, de forma a compreendermos a sociedade em que estamos inseridos; aprimoramos nossas habilidades sociais, o que nos permite construir relacionamentos interpessoais; e melhoramos a nossa saúde mental, devido ao prazer de ler uma obra que nos desperta

⁹ Decreto n° 519, de 13 de maio de 1992.

¹⁰ Resolução Estadual n°. 15 de 18 de fevereiro de 2009.

interesse. De maneira geral, a literatura está associada à consolidação de nosso bem-estar, pois ela nos humaniza à medida que usufruímos de seus conteúdos.

Ao longo desse artigo, foram discutidos diversos tópicos acerca da criação de um hábito de leitura no século XXI, a fim de incentivar os docentes e os pesquisadores da área a enxergarem a literatura não mais como um texto estático, mas como um elemento dinâmico que converse diretamente com os jovens que ainda estão passando por sua formação literária. De forma mais detalhada, é possível dizer que foi abordado o impacto da literatura na vida de quem possui um hábito de leitura recorrente; quais são os três mediadores de leitura que podem ser encontrados ao longo da trajetória acadêmica de cada indivíduo; algumas metodologias de ensino de literatura que podem ser utilizadas no ensino básico, objetivando a maior proximidade, contato e a formação de um hábito de leitura dos estudantes com as obras literárias; e os programas complementares e suplementares que o Estado aplica em escolas públicas, visando o incentivo à leitura e escrita, à formação de mediadores de leitura e à propagação da cultura letrada.

É necessário que os professores e os mediadores de leitura compreendam que estamos inseridos em um contexto novo, em que impera a tecnologia e o mundo digital, para poderem trabalhar com a literatura de maneira realmente efetiva. Para isso, é preciso que haja, por parte desses profissionais, uma atenção maior aos elementos que compõe a vida dos estudantes; uma aceitação e profissionalização das novas ferramentas virtuais que são, por vezes, utilizadas pelos próprios alunos; e, por fim, uma mudança de pensamento para com a literatura, que saia do estatismo padrão e parta para o dinamismo. Adotando essa postura mais moderna, a possibilidade de fazer com que os jovens leitores em formação dessa geração se aproximem mais das obras literárias e criem o hábito de ler diariamente torna-se maior; caso seja mantida a rigidez e o tradicionalismo, o movimento contrário dos estudantes permanecerá alto e a resistência em ter um contato com a literatura será cada vez maior.

Referências bibliográficas:

BARROS, M. H. T. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: FA, 2006. 160p.

BRASIL. (1992). *Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992 - Programa Nacional de Incentivo à Leitura, PROLER*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm>. Acesso em: 22 fev. 2023

BRASIL. (2018). *Política Nacional de Leitura e Escrita*, PNLE. 13.696/2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CADEMARTORI, Lígia. *Criança e quadrinhos*. In: JACOB, Sissa. *A criança e a produção cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. (2011). *O direito à literatura*. In: CÂNDIDO, Antônio. (5.ed.) *Vários escritos*. (pp. 171-193). Rio de Janeiro, Brasil: Ouro sobre azul.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto*. In.: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9.ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

LIMA, Marcelo Soares de. *Literatura e quadrinhos: uma questão de adaptação*. In: II CONGRESO INTERNACIONAL VIÑETAS SERIAS: NARRATIVAS GRÁFICAS: LENGUAJES ENTRE EL ARTE Y EL MERCADO. Buenos Aires, Argentina: Biblioteca Nacional, 26 al 28 de sep. 2012. p. 1-15. Libro de actas. Disponível em: <<http://www.vinetasserias.com.ar/actas2012.html>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

MENDES, Josué de Sousa. *Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária*. 2008. 223 f. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *O professor como mediador das leituras literárias*. In: *Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Literatura para todos*. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 11, n. 9, p. 16-29, 2006. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i9p16-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>. Acesso em: 13 jan. 2023.

TEIXEIRA, C. S.; COSTA, A. A. *Movimento Booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura / Booktubers movement: emerging practices of reading mediation*. *Texto Livre*, Belo Horizonte-MG, v. 9, n. 2, p. 13–31, 2016. DOI: 10.17851/1983-3652.9.2.13-31. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16724>. Acesso em: 31 jan. 2023.

RAMPELOTTO, Helena de Paula; GIZÉRIA, Kátia. *As Dificuldades na Formação do Hábito de Leitura em Alunos do Ensino Fundamental*. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Edição 02, Ano 02, Vol. 01. pp 51-66, Maio de 2017. ISSN 2448-0959

SÃO PAULO. (2009). *Resolução SE - 15, de 18-2-2009 - Programa Sala de Leitura*. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/15_09.HTM>. Acesso em: 22 fev. 2023.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola - Reflexões, comentários e dicas de atividades*. 2.ed. São Paulo: Editora Autêntica, 2007. p.

Recebido em: 27/2/2023

Aprovado em: 4/6/2023